



Os nipônicos flutuantes na Amazônia manauara de Hatoum

Cristiane de Mesquita Alves¹
José Guilherme de Oliveira Castro ²

RESUMO:

O objetivo deste artigo é apresentar personagens de origem nipônica, a partir do recorte de duas obras do escritor manauara Milton Hatoum e os processos de construções identitárias das mesmas no espaço representativo de desterritorialização e reterritorialização amazônico, com o intuito de perceber como a cultura japonesa se fez presente na cidade flutuante de Manaus, confluindo com culturas diversas, como a de expressão mítica peculiar da Amazônia. Para tanto, esta investigação adotou como procedimento metodológico a revisão bibliográfica de algumas literaturas, com base nas análises interpretativas que serviram de aportes teóricos para justificar o comportamento multicultural das personagens hatounianas selecionadas para a pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE:

Confluências;
Amazônia;
Japoneses;
Identidade.

¹ Profa. Adjunta II do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará (ILC/UFPA). Pós-doutoranda em Literaturas Espanhola e Hispano-americana pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA/Bolsista-PROSUP/CAPES). Líder do Grupo de Pesquisa *Mulheres Amazônicas e Latino-americanas na Literatura e nas Artes* (MALALAS- UFPA/CNPq). E-mail: crismesquita@ufpa.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1723-9611>

² Professor Titular do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/ UNAMA-PA). Doutor em Letras (PUC-RS). Líder do Grupo de Pesquisa *Interfaces do Texto Amazônico* (GITA- UNAMA/CNPq). E-mail: jgpsico.lettras@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3602-7734>

1 Introdução

Enquanto asas libertam-se das vagas
enquanto pássaros libertam-se dos voos
enquanto imagens libertam-se do espelho
enquanto ondas libertam-se das águas [...] à beira do rio. (LOUREIRO, 2014, p. 37).

Compreender o espaço da história, da linguagem e da cultura na construção da subjetividade e da identidade do sujeito é reconhecê-lo a partir da referência de lugar em que o mesmo está inserido, e, é por meio desse espaço, que se pode também “ser identificado como o âmbito do local, que passam a parecer novas representações, novos sujeitos que mediante diferentes embates, alcançam meios de falarem por si mesmos.” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 148).

Nesses diferentes confrontos, encontram-se várias manifestações coletivas e individuais que marcam a contribuição na formação identitária de um lugar, já que as identidades são os nomes dados às diversas maneiras como os indivíduos são situados pelas narrativas do passado e, como eles são localizados dentro delas, nos discursos contados do ponto de vista do outro, pois, a identidade é constituída pelo que “está narrado na nossa própria pessoa por meio das estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e que dela são construídas.” (HALL, 2006, p. 51), além dos espaços de fronteiras, de cruzamentos entre culturas, que Stuart Hall (2006) apontou como híbrido, para caracterizar o lugar de milhões de pessoas que tiveram suas culturas e suas comunidades deslocadas e fragmentadas, que foram retiradas de seus lugares já estabelecidos, de seu modo de vida.

Essas pessoas tiveram que aprender a desenvolver outras habilidades, aprender outras lições instituídas/acrescentadas a suas práticas identitárias. Foram obrigadas a viver pelo menos duas identidades, a falar pelo menos duas linguagens culturais que foram sendo adaptadas, negociadas e traduzidas mutuamente nesses novos espaços. “Essas pessoas são o produto das culturas de hibridação. [...], os produtos do encadeamento de várias histórias e culturas, pertencendo, ao mesmo tempo, a várias ‘casas’”. (HALL, 2006, p. 361, grifo do autor).

Nesse sentido, esses indivíduos como produtos de cultura de hibridação, podem ser exemplificados na Literatura, especialmente nas representações das personagens estrangeiras do escritor manauara Milton Hatoum, com seu mundo panorâmico de brasileiros, amazônidas, libaneses, nordestinos e nipônicos, nos quais este texto se debruça, em particular em dois: Kazuki Kurokawa do conto “Um oriental na vastidão”, do livro de contos *A cidade ilhada* (2009) e Kazuma Zan, ou doutor Kazuma, uma das personagens flutuantes do romance *Cinzas do norte* (2010); personagens que hibridificam Manaus, com a confluência de outros estrangeiros,

modificando o espaço mítico da região Amazônica, cada vez mais representativo de multiculturalidade, desde as primeiras representações coloniais desenvolvidas por meio dos relatos e narrativas dos viajantes, cronistas, ações religiosas e funcionários europeus até os dias de hoje.

Nos textos de Hatoum, essa cultura de hibridação se faz presente por este escritor compreender sua condição de artista engajado na sociedade contemporânea e, por parecer estar “motivado por uma grande urgência em se relacionar com a realidade histórica, estando consciente [...] em seu presente” (SCHOLLHAMER, 2009, p. 10), dos acontecimentos que se passam ao seu redor, captando-os, discutindo e refletindo sobre eles no cenário atual. Isso pode ser percebido constantemente nos textos de Milton Hatoum, seja naqueles em que o descendente de libaneses, por meio de sua literatura, destaque personagens árabes ou descendentes – na maioria de seus textos -, seja naqueles em que o autor aborde, nos entre-discursos, as confluências dos próprios nativos do espaço amazônico, como os indígenas, ribeirinhos, ou de outros lugares culturais distintos, presentes neste universo hatouniano, como os japoneses.

Observa-se ainda que a escrita de Milton Hatoum corrobora a premissa de que “as obras literárias não estão fora das culturas, mas as coroam, e na medida em que essas culturas são invenções seculares e multitudinais, fazem do escritor um produtor que trabalha com as obras de inumeráveis homens.” (RAMA, 2001, p. 247). Por este motivo, nos textos hatounianos, são lidas passagens que ilustram aspectos representativos de práticas simbólicas e expressivas de diferentes povos que (re) constroem o espaço da cidade-floresta de Manaus – palco das representações culturais da maior parte dos enredos de sua literatura. Sendo assim, a Manaus de Hatoum é a cidade habitada pela cultura marcada pela junção dos ingredientes culturais desses povos, inseridos no espaço-água, embora, nem sempre de forma pacífica.

Nesse contexto, esta investigação se baseia na análise literária desta confluência cultural amazônica-nipônica, considerando as ações das duas personagens japonesas elencadas para este estudo, almejando compreender como se processa a convivência entre essas duas culturas pelas personagens. Dessa forma, este artigo ainda consta, além da introdução, de uma seção que descreve as cenas dos livros de Hatoum em que esse hibridismo cultural se faz presente, estabelecendo uma análise interpretativa dessas passagens, seguida das considerações finais e da relação dos teóricos presentes na elaboração da argumentação levantada nesta escrita.

2 Mais passageiros... rio abaixo... rio acima

O rio passando e a vela
 O sonho passando e as lendas
 As lendas passando e as eras
 As ondas passando e o olhar
 Meu olhar a seguir tantos adeuses...
 (LOUREIRO, 2014, p. 44).

E foi navegando os cursos dos rios que, assim como os exploradores e conquistadores europeus, aventureiros, cientistas, religiosos, nordestinos, artistas dentre outros, que os japoneses chegaram à região amazônica, com a vinda dos primeiros imigrantes do Kasato Maru, em 1908. Os primeiros colonos vieram para Tomé-Açu (1929), no Estado do Pará, e, em Maués (1930) e Parintins (1931), no Estado do Amazonas.

Na época em que foi iniciada a imigração japonesa na Amazônia, a economia da região era essencialmente extrativista e, em estagnação, devido à crise da borracha provocada pela biopirataria de um produto ativo da economia, em que as sementes de seringueira foram levadas por Henry Alexander Wickham, em 1876, para o Sudeste asiático. Neste período, o extrativismo da borracha (em seu apogeu e em direção à decadência) contribuiu também para o desenvolvimento e pela incipiente crise da agricultura colonial que existia na região amazônica e pela drenagem de mão de obra para os seringais em que

Muitos dos que foram para o Amazonas na década final do século XIX e no início do século XX – estrangeiros ligados à exportação e à importação ou funcionários das firmas prestadoras de serviços urbanos e de navegação, e, em menor número, profissionais liberais – passaram a viver nos novos bairros, nos quais as ruas seguiam o traçado geométrico previsto na carta, livre da tirania dos igarapés e de aspecto mais salubre que o antigo centro. Mesmo a construção das casas refletia um estilo de vida distinto, com uma nítida separação entre os locais de moradia e os de trabalho, valorizando-se as residências situadas em amplos terrenos ou chácaras. No estilo das casas e na disposição dos jardins e pomares, expressava-se a diversidade das origens dos que ali passaram a viver: ingleses, americanos, libaneses e, também, exportadores de borracha, médicos brasileiros. (DAOUI, 2004, p. 37).

Esses novos espaços sociais que configuraram a Amazônia, sobretudo Manaus, na obra de Hatoum podem ser exemplificados pela Vila Amazônica, no romance *Cinzas do Norte*, caracterizada como um espaço em que muitos imigrantes, como os japoneses, viviam. Era um local construído pelos trabalhadores de Trajano, personagem que interpretava o burguês da cidade, herdeiro de um dos grandes barões da borracha no passado. A Vila era descrita como:

o lugar era agradável, mas na época do corte da juta tinha acidente todo dia. Trabalhadores... Diz que cortavam a juta dentro d'água e eram mordidos por todo tipo de bicho. Chegavam na propriedade com ferimentos nos pés, nas mãos e nas pernas, e ele ainda tinha que aguentar os gritos da Algisa. Chamou a mulher de frouxa, diz que ela não podia ver uma gota de sangue. Empombava sem motivo, não deixava ele ir sozinho a Parintins, muito menos a Santarém, e um dia ele largou ela no porão da casa e foi embora. Atravessou o rio, foi conhecer Nhamundá, Faro... andar por aí..." "O que ele fez na Vila Amazônica?", perguntei. "Nada. Pura enganação. Não administrou coisa nenhuma. Pôs toda a culpa na Algisa e no capataz, um ex-cabo da Polícia Militar, que ele xingou. Diz que forçava os caboclos e japoneses a trabalhar dia e noite e só falava em aumentar a produção de juta." (HATOUM, 2010, p. 44, grifos do autor).

A Vila Amazônica representa na ficção, o que na sociedade real se aproximava da realidade dos imigrantes japoneses na região. Eles introduziram o cultivo da juta, nas várzeas amazônicas, e da pimenta-do-reino, no Estado do Pará, chegando a participar com "mais 35% do valor das exportações na década de 1970. Estas duas culturas marcaram uma fase na economia da Amazônia com grandes repercussões sociais, políticas e ambientais." (HOMMA, 2012, p. 119).

Os japoneses foram inseridos nesse novo processo de produção, associando à ideia de trabalho e moldando um novo perfil de comportamento no espaço, antes habitado, quase que primordialmente, por indígenas. Em *Cinzas do Norte*, quando Trajano Mattoso, dono dos meios de produção da juta, contrata os japoneses para trabalhar e conviver no mesmo espaço social dos indígenas, percebe o quanto é difícil mesclar, reterritorializar a civilização oriental com os valores míticos dos indígenas e vice-versa.

Isso ocorre devido ao fato de "a realidade de todas as pessoas é [ou ser] composta de construções culturais, sustentadas de modo eficaz tanto pelo mútuo consentimento quanto por causas materiais inevitáveis." (BARTH, 2000, p. 111). Esse consentimento está incrustado em representações coletivas, as quais podem ser exemplificadas pela linguagem (japonesa e das comunidades indígenas), pelos símbolos, rituais e institucionais. Estes últimos são, algumas vezes, representados no romance de Hatoum, no exercício da prática profissional de Kazuma com o chefe da tribo, principalmente no que se refere ao uso de medicamentos, pois, os indígenas que vivem na Vila Amazônica, mesmos medicados por um doutor (Kazuma), ainda preferem o uso de ervas, como requisitos medicinais e de cura.

Em outras situações, há resistência dos indígenas em relação a seus comportamentos frente ao que seria civilizado pelo homem branco, como lido no trecho:

Disse que dava muito trabalho plantar a civilização na Vila Amazônia. Antes, todo mundo comia com as mãos e fazia as necessidades em qualquer lugar. “Tive que reconstruir quase tudo, Lavo. Temos que construir tudo o tempo todo. A Amazônia não dá descanso. Trabalhar... é isso que meu filho não entende.” (HATOUM, 2010, p. 53, grifos do autor).

A reconstrução da qual Trajano Mattoso descreve no fragmento da obra, diz respeito à dificuldade de desconstruir os costumes indígenas e inserir os novos – dos estrangeiros, no caso da Vila Amazônica, pelos japoneses – quando os nipônicos passaram a conviver com os nativos na colônia de Okayama Ken, um espaço construído por muitos japoneses que foram perseguidos no período de Guerra, uma vez que no cenário político do mundo, quando foi iniciada a imigração japonesa na Amazônia, os governos eram ditatoriais: Adolf Hitler governou a Alemanha de 1933 a 1945, Benito Mussolini, a Itália de 1922 a 1943 e, no Japão, o militarismo simbolizado no general Hideki Tojo governou no período 1941 a 1944, formavam o Eixo, que teve grandes consequências negativas nos destinos da humanidade. Na antiga URSS, Joseph Stalin governou durante o período 1922 a 1953; na Espanha, o general Francisco Franco, no período 1939 a 1973 e, em Portugal, Antônio de Oliveira Salazar, conduziu o governo no período de 1933 a 1974.

No Brasil, Getúlio Vargas governou o país no período de 1930 a 1945, no qual nutria uma simpatia disfarçada pelos alemães e japoneses, que preocupava os norte-americanos e aproveitava para angariar benefícios. Inclusive na colonização da Amazônia não se descarta o interesse geopolítico dos militares japoneses pela obtenção de “600 mil hectares de terra em Acará, 400 mil hectares em Monte Alegre e três lotes de 10 mil hectares, em Marabá, na zona da Estrada de Ferro de Bragança e até em Conceição do Araguaia” (HOMMA, 2012, p. 116-117), para a imigração japonesa.

Realidade histórica visualizada/relida nas páginas da realidade literária de *Cinzas do Norte*, em que muitos japoneses que viviam na Vila Amazônica, em especial no vilarejo de Okayama Ken sofreram retaliação política e foram presos, exemplificada na passagem:

“Agora vamos conhecer a propriedade.” No armazém, a juta ia passar pela prensa mecânica para depois ser enfardada e transportada para o batelão *Santa Maria*, atracado no paraná do Ramos. Em 1945 o velho Mattoso comprara a propriedade de uma firma japonesa. Oyama, o pioneiro, homem lembrado por todos, trouxera da Índia sementes de juta. Viera com a família em 1934; mais tarde chegaram dezenas de jovens agrônomos de Tóquio, passaram uns dias na Vila Amazônia e viajaram para o rio Andirá, onde fundaram uma colônia. Tinham construído um pequeno hospital, uma escola agrícola e Okayama Ken: uma vila onde até hoje moravam os trabalhadores mais antigos. Durante a Segunda Guerra foram perseguidos e presos; alguns conseguiram fugir e depois voltaram. Tiveram filhos com mulheres

daqui: jovens mestiços, metade índios, metade orientais, trabalhadores e forçados. (HATOUM, 2010, p. 53, grifos do autor).

Outro apontamento na obra de Hatoum acerca da visão nipocêntrica, que se observa é a forma de valorizar as dificuldades do meio ambiente que os imigrantes japoneses enfrentaram no Brasil, e como eles conseguiram se equilibrar com a nova *casa identitária*, no dizer de Hall (2006), visto que os habitantes nativos viviam, *a priori*, em harmonia com a natureza e, apesar da tragédia e a degradação da condição humana devido ao período de destruição no Japão, ocasionadas pela Segunda Guerra Mundial, uma tragédia que causou, em parte, a vinda dos japoneses ao Brasil, levou-os aos poucos, a configurar suas tradições identitárias a uma reelaboração, acrescentada aos valores da nova terra, pois, há a possibilidade de reconstrução identitária em novos territórios, por meio da ajuda do outro. Isso faz com que “tornemo-nos cientes de que identidades não são nunca completas, finalizadas. Ao contrário, estão em permanente processo de constituição. São narrativas, discursos contados a partir do ponto de vista do outro.” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 151).

Nesse ponto de vista do outro, os japoneses, como Kazuma, vão encontrar, na convivência, nem sempre pacífica com os indígenas que vivem na Vila Amazônica, outra forma de olhar a natureza e, também de se relacionar com ela, como se observa no excerto de *Cinzas do Norte*:

Dentes de boto enrolados no pescoço das crianças curavam diarreia? Ou então diziam: “Sinto dor no espinhaço”; “Meu irmão não consegue andar”; “Minha filha está buchuda”; “Meu avô não enxerga mais a luz do mundo”. E o médico, calmo: “Vamos ver isso, vamos cuidar de todos”. Entramos em vários casebres cobertos de palha, chão de terra, paredes barreadas amarradas com cipó. Num deles, o mais distante do casarão de Jano, um velho gemia, deitado na rede. “Não levanta mais”, disse sua mulher. Era um casal de índios, os filhos tinham ido morar em Manaus. O doutor Kazuma conhecia a enfermidade do homem, auscultou seu coração, ficou sério. A mulher entendeu. Mundo olhava para o doente com fascinação; cutucou-me e apontou os objetos pendurados na parede. O médico murmurou: “É o seu Nilo, o mais velho da Vila Amazônia”. Mundo falou em comprar os objetos, a índia não quis receber o dinheiro: o patrão era bom, dava comida, roupa, remédio. Meu amigo insistiu e pagou o que ela não sabia ou não queria cobrar. Continuou ali, perto da rede, olhando para o doente e conversando com a mulher. Não voltou para o casarão; de manhãzinha, me acordou com estas palavras: “O velho acaba de morrer”. Sentou no chão, pensativo, e começou a desenhar. [...] No meio da manhã, alguns trabalhadores saíram do armazém para velar o corpo do velho; em seguida chegaram barcos e canoas de Parintins e de outros lugares. Jano viu tudo de longe; permitiu que os empregados fossem ao enterro, e sabia que o filho estava por ali, que preferia ficar no meio daquela gente. Da varanda, assistiu ao ritual dos mortos, meio indígena meio cristão; no início da tarde, Mundo entrou numa lancha e acompanhou o féretro fluvial até Parintins. “Por que não foi enterrado aqui?”, Jano me perguntou. “Ele e a mulher sempre viveram de favor. Antes esses índios eram tratados por curandeiros, vigaristas do corpo e da alma. Nós pagamos o doutor Kazuma, mesmo assim continuam brutos e ingratos.” (HATOUM, 2010, p. 55-56).

Em *Cinzas do Norte*, Kazuma é descrito como um japonês que não fora perseguido durante a guerra, trabalhava para Trajano Mattoso, que o havia contratado para cuidar da saúde dos moradores da Vila Amazônica. O nome do japonês era pronunciado com veneração: Kazuma San. Ele visitava os trabalhadores da Vila Amazônica, uma vez por semana, “[...] Era um homem de uns setenta e cinco anos, alto e muito magro, o rosto acobreado de tanto sol, e olhos vivos atrás de lentes espessas.” (HATOUM, 2010, p. 54). Não tinha quase sotaque, visitava todas as famílias do Vilarejo, examinava crianças e velhos, conversava e dava conselhos aos moradores. Kazuma era um nipônico flutuante por Manaus e querido por todos. Ele e muitos japoneses contribuíram para a construção de uma Manaus ser um espaço social melhor, embora seus conterrâneos trabalhassem de forma árdua para o desenvolvimento dessa região, como se observa no relato de Lavo, narrador do romance *Cinzas do Norte*:

Ainda havia vestígios daquela época: ruínas de um hospital, de casas cobertas de telhas e do kaikan, um pavilhão enorme, todo de madeira, erguido por um mestre de obras também japonês. Era usado para reuniões e para festejar o aniversário do imperador. Os filhos dos japoneses davam um duro danado, em poucos anos tinham feito muitas coisas, trabalho de um século. Na roça deles tinha tudo: milho, mandioca, feijão, guaraná, cacau... Entravam na água e cortavam a juta, eram corajosos e disciplinados. (HATOUM, 2010, p. 54).

Entretanto, com a crise da borracha, a economia da população na Amazônia ficou estagnada no período de 1920 a 1940, quando outros produtos extrativos tentaram ocupar o seu espaço, como a da extração do óleo essencial de pau-rosa e da castanha-do-pará, mas, não conseguiram recuperar a primazia da borracha. Foi nesse cenário que se iniciou a imigração japonesa na Amazônia, onde se buscava novas alternativas econômicas, decorrente da crise da borracha, “e o início da imigração japonesa em 1929, onde não se observava nenhum sentido xenófobo.” (HOMMA, 2012, p. 118); mas eles, assim como os indígenas e outros sujeitos de outras regiões que chegaram a “a surpreendente Paris das Selvas” (DAOU, 2004, p. 33), como era chamada Manaus no período áureo da borracha, em busca de melhores condições de vida, também tiveram dias muito difíceis, como se denota no recorte do romance:

Vi vários deles, magros e tristes, na ilha das Ciganas, em Saracura, Arari, Itaboraí, e até no paraná do Limão. Cortavam juta com um terçado, secavam as fibras num varal e depois as carregavam para a propriedade, onde eram prensadas e enfardadas; na época da cheia, o bagaço da juta alimentava os porcos e o gado. A maioria dos empregados morava em casebres espalhados em redor de Okayama Ken; quando adoeciam, eram tratados por um dos poucos médicos de Parintins: doutor Kazuma. (HATOUM, 2010, p. 54).

Além de Kazuma, outro nipônico nos textos de Hatoum que compartilha as impressões míticas e a convivência com o espaço-água maravilhoso e fantástico da Amazônia, avultando, estimulando e impulsionando a conquista, fazendo com que a invenção imaginária preencha o espaço vazio da descoberta da região é o professor e

cientista Kazuki Kurokawa, protagonista do conto curto “Um oriental na vastidão”. A narração é breve, contada por uma pesquisadora que trabalhava no Departamento de Cooperação Científica da Universidade do Amazonas, quando ela recebe um fax do biólogo de água doce e professor aposentado da Universidade de Tóquio que tinha um sonho: viajar pelo rio Negro, o maior afluente do Rio Amazonas. A pesquisadora acompanhou o japonês, que viera ao Amazonas com apenas

Uma sacola era sua bagagem. Fomos de táxi ao porto da Escadaria, e no trajeto passamos em frente ao teatro Amazonas, que Kurokawa admirou em silêncio. No porto, acenei para o Américo, um dos barqueiros que ficavam na beira da praia, à espera de turistas. Kurokawa quis ir sozinho até o Mercado Municipal: só ia dar uma olhada nos peixes e ver as pessoas.

Ele veio de São Paulo?, perguntou Américo.

Do Japão, eu disse.

Combinei com Américo o itinerário do passeio: desceríamos o Paraná do careiro até a costa do Murumurutuba, ilha do Maneta e voltaríamos pelo rio Amazonas, com uma parada no encontro das águas. No máximo duas horas. [...] Atravessamos o rio Negro e entramos no furo do Paracuúba. Kurokawa não trouxera máquina fotográfica, filmadora, nada. No meio do furo, ele disse: Vamos descer o Solimões até o Amazonas. O mesmo rio com nomes diferentes.

Américo diminuiu a velocidade: como ele sabia disso? Kurokawa, os olhinhos quase fechados, deixando uma ponta de mistério, que só cresceu durante o passeio. Depois disse que havia lido alguma coisa sobre a fauna e flora do rio Negro. [...] porque as águas do rio Negro eram escuras como a noite. (HATOUM, 2009, p. 31-32).

Kurokawa é a personagem que, mesmo não nativa da região, apresenta todo um culto ritualístico e místico em relação à floresta. “Kurokawa San. [...] Mas, aquele Kurokawa não era turista” (HATOUM, 2009, p. 33). Sabia mais da floresta, da região amazônica que os que lá viviam, era a impressão da pesquisadora e do barqueiro Américo.

Ele e seu desejo de conhecer as águas do rio Negro são semelhantes aos dos tantos viajantes que se embrenharam floresta adentro com o intuito de desvelar a região amazônica, fascinados pelas referências espaciais dos rios da Amazônia, transformado no grande símbolo regional, porque é a partir do rio que a

Amazônia se faz, em sua história, geografia, cultura e sociedade. O rio, apresentado inicialmente como a porta de entrada da Amazônia na História, e da “civilização” na Amazônia, é objeto de descobrimentos e meio de conquista e expansão colonial. [...] o rio é desdobrado nos múltiplos significados que apresenta para a vida regional: histórico, geográfico, cultural e simbólico. O rio comanda a vida; não sugere reviver o determinismo geográfico, mas uma “concepção geográfica da vida” [...]. O rio é o grande símbolo da Amazônia, [...] o fio condutor das representações espaciais da Amazônia. (PEREIRA, 2016, p. 136, grifos do autor).

Os rios na região Amazônica constituem uma realidade labiríntica e assumem uma importância fisiográfica e humana excepcionais. Ele é o fator dominante na região, “dele dependem a vida e a morte, a fertilidade e a carência, a formação e a destruição de terras, a inundação e a seca, a circulação humana e de bens simbólicos, a política, a economia, o comércio e a sociabilidade. O rio está em tudo.” (LOUREIRO, 2015, p. 135).

Desse modo, encantado por um espaço com suas ruas de rios, este nipônico, assim como o doutor Kazuma, viram na Amazônia uma nova casa, que em parte serviu para constituir sua teia identitária, já que seu povo, pela Amazônia também havia vivido e vive. O biólogo japonês tem um eu identitário e misterioso, tanto quanto o mistério que rodeia a Amazônia. Traço amazônida que constitui os teares mitológicos da região, alimentados por uma poderosa imaginação, a qual persiste na descrição de lendas e de mitos reais ou verdadeiros que estão inseridos na organização espacial e social da região, que marca afinidade entre o homem e a natureza que pode variar de intensidade, de lugar, mas constitui num vetor “que dimensiona essa relação. [...] A identificação com a paisagem complementa a personalidade atendendo às íntimas necessidades do indivíduo.” (LOUREIRO, 2015, p. 148). Muitos mitos estão estreitamente vinculados ao rio e têm vivência direta relacionada à vida cotidiana do homem da Amazônia, eles são “muito mais que meras invenções dos amazônidas; são como realidades que ordenam suas relações de algum modo. Então não são meras fantasias”. (LOUREIRO, 2015, p. 141).

Para Pereira (2009), a Amazônia imaginária sempre pareceu mais real que a Amazônia vivida pelos colonizadores europeus, assim como Kurokawa no conto de Hatoum vê a Amazônia como é descrita na primeira ideia, lugar de imaginário, e a essa vastidão de rio, como metaforiza o nome do conto, é dada toda uma demasiada importância para o professor aposentado japonês. Depois de seu passeio de “durante mais de três horas. Ninguém dizia nada sobre aquela viagem a um lugar desconhecido.” (HATOUM, 2009, p. 33), despediu-se da pesquisadora e de Américo, o guia. Voltaria à Amazônia, a Manaus, apenas suas cinzas, depois de morto, para serem sacralizadas nas águas do rio Negro, a pedido dele,

O professor Kurokawa deixou uma carta-testamento. Pediu duas coisas: que as cinzas do corpo dele fossem espalhadas nas águas deste lugar. E que a senhora fizesse isso. [...] Por que as cinzas aqui? Ninguém sabe, disse o cônsul. Só ele sabia. Agora faço esse pedido em nome do governo do Japão. O cônsul tirou uma bússola do bolso. Ele e o secretário se viraram para um ponto oposto ao do crepúsculo. O Oriente. (HATOUM, 2009, p. 33).

Os dois japoneses, apesar de oriundos de identidades tão diferentes dos amazônidas ao deslocarem suas identidades para outra região, *a priori* em um estado de caos social vivido no Japão, no entre-guerras, de modo geral, acabaram se tornando híbridos e acumulando conhecimentos e práticas, responsáveis por formar as teias culturais norteadoras de suas características identitárias, “pois é através do fluxo do comportamento — mais precisamente, da ação social — que as formas culturais encontram articulação.” (GEERTZ, 2008, p. 12).

Eles não influenciaram só na política e na economia das atividades produtivas introduzidas pelos primeiros imigrantes japoneses, mas também na religião, nos costumes, nos comportamentos, dentre tantas outras representações. E, essas duas personagens nos textos de Hatoum servem para exemplificar tão grande contribuição nipônica no desenvolvimento da região Amazônica hoje; isso se deve ao fato de esse escritor ver a literatura pelo viés que trata dos problemas sociais, que não exclui a dimensão pessoal e “íntima, privilegiando apenas a realidade exterior; o escritor que opta por ressaltar a experiência subjetiva não ignora a turbulência do contexto social e histórico.” (SCHOLLHAMER, 2009, p. 15), um autor que entende e discute a sociedade de seu tempo pela análise de seu passado, visando a melhores perspectivas futuras.

Diante disso, Kazuma e Kurokawa vêm para acrescentar aos grupos de personagens da Literatura Hatouniana marcada por estrangeiros, que por muitas circunstâncias e efeitos históricos tiveram que procurar uma nova casa para viver, e os rios da floresta serviram de caminhos para esses reencontrarem um novo lar, porém, com direito a mudanças, já que as identidades não são finalizadas, de acordo com Escosteguy (2006).

Esses efeitos de presenças culturais de hibridação nas falas e nas práticas sociais de Kazuma e Kurokawa se aliam a um sentido específico de experiência literária de Hatoum, uma eficiência estética buscada numa linguagem e num estilo mais enfáticos e nos efeitos contundentes de diversas técnicas que “namoram com [...] algumas expressões da urgência de falar sobre e com o ‘real’”. (SCHOLLHAMER, 2009, p. 15, grifo do autor) que marca o escritor da contemporaneidade como Hatoum, mas também pelo uso de formas breves e representativas, por meio de uma apropriação descritiva e contundente da realidade que tem nos textos de Hatoum, que informam, conscientizam e provocam o leitor a cada leitura de sua panorâmica escrita literária de seu mundo-amazônico e a Amazônia no Mundo.

3 Algumas conclusões

Dessa forma, conclui-se que a obra de Milton Hatoum, particularmente as analisadas nesse breve estudo, considera que as identidades são formadas pelo

híbrido entre as culturas, que proporciona nesse acréscimo de experiências a chegada de novos povos a outras casas e lugares. Logo, Hatoum é um desses autores que dialoga com esta premissa, ao apresentar os nipônicos como mais um dos sujeitos que navega os rios da Amazônia e neles remam juntos a outros já existentes e os que vão chegando, para contribuir com a formação identitária dessa vastidão de floresta, gentes e rios.

Nesse espaço de representações identitárias que abriga o discurso híbrido, reiterando, transformando e transportando formações discursivas que compõem as narrativas literárias, históricas, geográficas e sociais, com afluentes de gentes e águas, pode-se dizer que o sucesso da colonização japonesa na Amazônia decorreu do modelo baseado na introdução de recursos da biodiversidade exógena, em um período histórico da região, no qual isso era considerado propício ao desenvolvimento da Amazônia e está presente até os dias de hoje.

Verificou-se também, nessa troca de contato entre imigrantes japoneses e os indígenas, uma rápida aprendizagem das técnicas de cultivo e beneficiamento de juta e pimenta-do-reino pelos agricultores da Amazônia, como se observa no romance *Cinzas do Norte* entre o japonês Kazuma e o indígena Nilo.

Outra particularidade presente nesse relacionamento é a inexistência de um movimento xenofóbico entre eles, o que demonstra que, apesar da existência de alguns pequenos conflitos, causados pela negação do novo, em relação a medicamentos farmacêuticos versus ervas nas consultas do doutor Kazuma, é importante salientar que a convivência entre imigrantes e povos nativos, em sua maioria, era pacífica e harmoniosa.

Não só em relação às pessoas nesse universo de narrativas do autor manauara descendente também de imigrantes árabes, Hatoum observou em seu conto “Um oriental na vastidão”, ao colocar o professor e biólogo japonês Karukawa em relação ao rio Negro, forma tão devotosa e mítica quanto teriam os próprios indígenas diante dos ritos e símbolos que representam o rio.

Logo, o que se percebe da presença dos imigrantes japoneses na obra de Milton Hatoum, embora sejam personagens secundárias, elas são partes representativas dessas águas que formam não só o Rio Negro e os afluentes, como também estão já intrinsecamente identificados ao espaço água da região norte do país.

Referências

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Trad. John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque na Amazônia**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais** – Uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª ed. 13ª reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HATOUM, Milton. **A cidade ilhada**. 7ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HATOUM, Milton. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. Os japoneses na Amazônia e sua contribuição ao desenvolvimento agrícola. **Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 113-133, jun. 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.ufam.edu.br/somanlu/article/view/297>doi: <https://doi.org/10.17563/somanlu.v9i1.297>. Acesso em: 03 dez. 2023.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Artesão das águas**. 3ª ed. Belém: Paka-tatu, 2014.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. 4ª ed. Belém: Cultura Brasil, 2015.

PEREIRA, Edir Augusto Dias. **Ensaio de Amazônia**. Representações espaciais da região no ensaísmo brasileiro. Rio de Janeiro: Eduff- Editora da Universidade Federal Fluminense, 2016.

RAMA, Ángel. Literatura e Cultura. In: AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. **Ángel Rama**. Trad. Raquel la Corte dos Santos; Elza Gasparotto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.



TEMÁTICA
LIVRE

Revista
Diálogos
(RevDia)

The floating Japanese in the Amazon manauara of Hatoum

ABSTRACT:

The objective of this article is to present the main characters of Japanese origin from the cut of two works by the writer from Manaus, Milton Hatoum, and the processes of their construction of identities in the representative space of Amazonian deterritorialization and reterritorialization, in order to understand how Japanese culture was present in the floating city of Manaus, converging with diverse cultures, such as that of the mythical expression peculiar to the Amazon. To this end, this investigation adopted as a methodological procedure the bibliographical revision of some literature, based on the interpretative analyzes that served as theoretical contributions to justify the multicultural behavior of the Hatounian characters selected for the research.

KEYWORDS:

Confluences;
Amazonia;
Japoneses;
Identity.